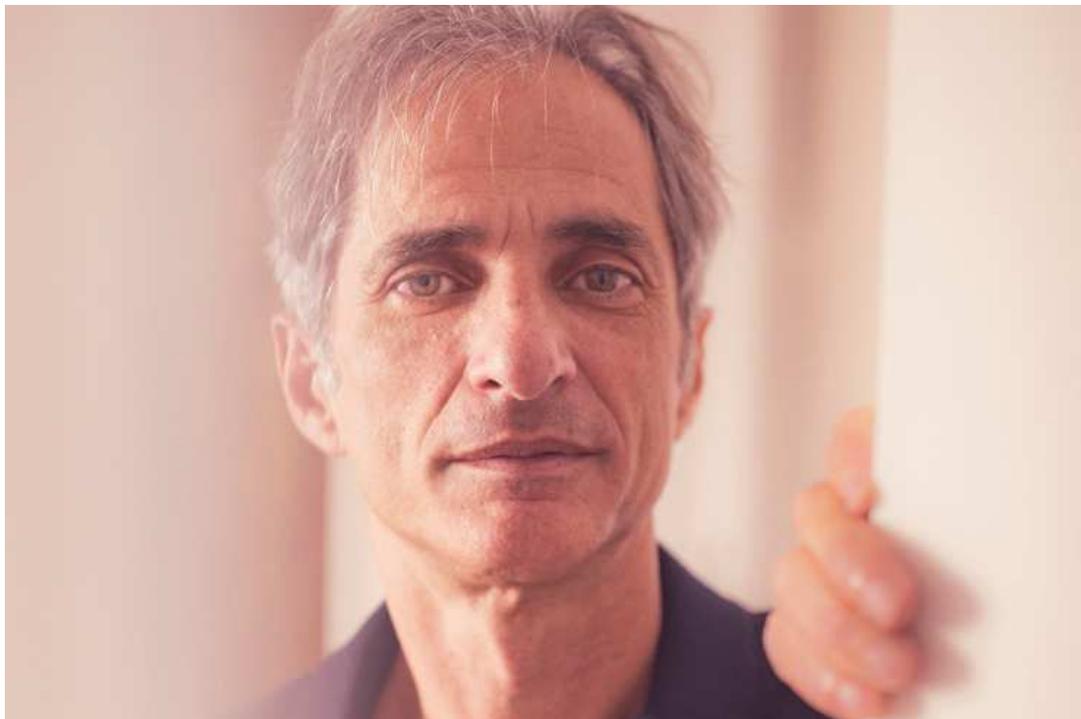


Pedro Simas

Nova estirpe do vírus "é um bom sinal", diz virologista português



O virologista Pedro Simas
Foto: Pedro Rocha / Global Imagens

JN/Agências

O virologista Pedro Simas, do Instituto de Medicina Molecular de Lisboa, considerou, este domingo, ser "pouco provável" que a nova estirpe do coronavírus responsável pela covid-19 tenha "impacto gigantesco" na vacina. "Temos de aguardar e estar atentos", mas "é muito precoce estar a especular em relação a isso".

Em relação ao facto de a nova estirpe detetada no sudeste do Reino Unido ser 70% mais eficaz na disseminação do vírus, o especialista defendeu que **"se as pessoas usarem máscara e respeitarem as regras de distanciamento tanto faz que a estirpe seja mais transmissível ou não, porque as medidas funcionam na mesma"**.

Segundo Pedro Simas, este "não é um fenómeno novo, já aconteceu durante a pandemia várias vezes, estão sempre aparecer estirpes novas localizadas geograficamente, mas isso, de certa forma, **é um bom sinal, é sinal de que não se está a reverter para estirpes mais virulentas, que provoquem doença mais grave"**.

"Para já, não há motivos de preocupação, mas temos de estar atentos, vigilantes, porque ainda não há dados sobre a influência e o impacto que vai ter na vacina, mas é pouco provável que aconteça de uma maneira dramática", sublinhou.

O virologista defendeu ainda que "é preciso ter alguma prudência da divulgação destas notícias" porque **"se do ponto de vista da saúde das pessoas, estas estirpes que aparecem são menos virulentas"**, por outro lado **"é mau porque quanto mais infeções houver mais probabilidade há de infetar os grupos de risco que poderão desenvolver doença grave"**.

"Aquilo que se está a tentar controlar é o número de infeções, não é esta variante provocar mais doença", referiu, considerando que o aumento das restrições nas zonas de Londres e sudeste de Inglaterra anunciado pelo governo inglês "foi ajustado".

O primeiro-ministro britânico anunciou sábado que Londres e o sudeste de Inglaterra vão entrar novamente em confinamento, sendo proibidas as reuniões natalícias e encerrado o comércio não essencial para travar a propagação da covid-19 nas duas regiões.

"Não era desejável para Portugal, no momento em que estamos num planalto com muitas infeções diárias, que tivéssemos uma estirpe que nos aumenta o número de casos", disse Pedro Simas, lembrando que "os grandes disseminadores deste vírus são os assintomáticos ou os ligeiros, com poucos sinais clínicos".

As autoridades britânicas já alertaram a Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre a descoberta da nova variante, que se espalha com maior velocidade, embora não haja evidências de que seja mais letal ou que possa ter impacto na eficácia das vacinas desenvolvidas contra a covid-19, embora este ponto esteja ainda a ser avaliado "com urgência para confirmação".

O Reino Unido está incluído na lista dos 10 países com maior número de infeções e de mortes associadas ao novo coronavírus - mais de 1,9 milhões de casos, 66.541 óbitos.

A pandemia de covid-19 provocou pelo menos 1.685.785 mortos resultantes de mais de 76,2 milhões de casos de infeção em todo o mundo, segundo um balanço feito pela agência francesa AFP.

Em Portugal, morreram 6.134 pessoas dos 374.121 casos de infeção confirmados, de acordo com o boletim mais recente da Direção-Geral da Saúde.